

# A revolução militar

RAUL PILLA

**P**ODE-SE aprovar ou desaprov-  
var a concessão da auto-  
nomia ao Distrito Federal.  
Contra ela, haverá algumas ra-  
zões acidentais; a favor dela,  
algumas razões essenciais. Mas,  
qualquer que seja a opinião  
que no caso se tenha, não po-  
deria atingir o êrro as propor-  
ções de uma catástrofe. E, so-  
bretudo, não seria irreparável.  
Foi um mal a denegação da  
autonomia? Vamos corrigi-lo,  
concedendo-a agora. E' um mal  
a concessão? Nada impede que  
se corrija, quando tal se evi-  
denciar. Tatear, tentar, errar,  
corrigir, para finalmente acer-  
tar é da essência da democra-  
cia. O que ela exclui é a pre-  
tensão da infalibilidade.

Assim não pensa o eminente  
jornalista senador Assis Cha-  
teaubriand. E convoca nada  
menos que as Classes Armadas  
para impedir a consumação do  
crime. Não sei se estas esta-  
riam dispostas a atender ao  
patriótico apêlo. Ainda menos  
sei onde se poderiam elas deter,  
depois de pôr as mãos naque-  
la «quadrilha de salteadores  
que, no Conselho Municipal,  
desmoraliza a Capital da Re-  
pública». Já pensou o eminen-  
te senador nos grandes saltea-  
dores, que, por elementar coe-  
rência, as Classes Armadas não  
poderiam deixar soltos, depois  
de haver castigado os vereado-  
res cariocas, que, afinal de  
contas, têm um modesto campo  
de ação?

E', como já deve estar vendo,  
um apêlo temerário o seu.  
Mas, já que se tocou nesta gra-  
ve, gravíssima matéria, direi  
que também reputo inevitável  
a intervenção das Classes Ar-  
madas. Não por causa de auto-  
nomia do Distrito Federal, coi-  
sa que não poderia justificar  
a revolução pregada pelo emi-  
nente jornalista em vilegiatu-  
ra no Senado; mas por causa  
de certos sinais, que s. excia.  
deve estar vendo melhor do  
que eu. E espero que, se tal  
acontecer, seja desta vez radi-  
cal a intervenção. A 29 de ou-  
tubro de 1945, intervieram  
os militares para resgatar a  
omissão de 10 de novembro  
de 1937. Próximamente, serão  
chamados a intervir para pre-  
servar a obra daquele dia glo-  
rioso. Mas já não será bas-  
tante. Terão de corrigir o  
maior dos seus êrros, matriz  
de todos os males da Repúbli-  
ca, há sessenta anos praticado:  
a instituição do sistema de go-  
vêrno que consagrou a irres-  
ponsabilidade e, com ela, acar-  
retou a decadência de tôda a  
nossa vida pública.

A revolução invocada pelo  
sr. Assis Chateaubriand virá,  
terá de vir, se não fôr preve-  
nida pelàs reformas necessá-  
rias. Virá, mas não pelos mo-  
tivos, nem com o alcance que  
o nobre senador imagina. Virá  
para libertar o país dos seus  
exploradores e restitui-lo à  
consciência de si mesmo.